

# Responsável da EMA defende que a vacina da AstraZeneca deve ser trocada por outras

Inês Moura Pinto

Especialista em vacinas Miguel Castanho fala em sugestão de abdicar da vacina no contexto actual da pandemia

Os países devem evitar administrar a vacina da AstraZeneca a também pessoas com mais de 60 anos, tendo em conta os efeitos secundários de formação de coágulos no sangue, defendeu ontem o responsável pela *task force* da Agência Europeia de Medicamentos (EMA), Marco Cavaleri.

De acordo com os dados oficiais, a EMA considera a vacina da AstraZeneca segura para todas as faixas etárias. No entanto, vários Estados-membros da União Europeia já deixaram de administrar a pessoas com menos de uma determinada idade, geralmente entre os 50 e os 65 anos, restringindo a sua utilização à população idosa, devido aos casos raros de formação de coágulos sanguíneos, identificados principalmente entre os mais jovens. Portugal encontra-se entre esses países: a DGS só recomenda a utilização da vacina da AstraZeneca acima dos 60 anos.

Agora, Marco Cavaleri, chefe da Estratégia de Ameaças Biológicas para a Saúde e Vacinas da EMA, veio a público dizer que defende que a vacina da AstraZeneca também não seja administrada a pessoas com mais de 60 anos, sendo preferível usar a fórmula da Johnson & Johnson para essa faixa etária, numa entrevista ao jornal italiano *La Stampa*. Contudo, salvaguarda, “em contexto de pandemia, a nossa posição era – e é – a de que a relação risco-benefício continua favorável para todas as faixas etárias”.

Questionado sobre se as autoridades de saúde devem evitar administrar a vacina da AstraZeneca a pessoas com mais de 60 anos – e sem apresentar nenhum estudo que o comprove –, Cavaleri disse: “Sim, e muitos países, como França e Alemanha, estão a considerar fazê-lo, havendo disponibilidade de vacinas de ARN mensageiro.”

Cavaleri considerou que a vacina de dose única da Johnson & Johnson apresenta “menos problemas do que a AstraZeneca”, apesar de ter sido menos utilizada. “Com uma dose única, é útil para algumas categorias difíceis de alcançar, mas é melhor reservá-la para os maiores de 60 anos”, disse.



No actual ponto da vacinação, há quem defenda que é melhor trocar a AstraZeneca por vacinas RNA

No caso dos mais jovens, e com o número de casos de covid-19 a diminuir e a população mais jovem menos exposta aos riscos relacionados com o vírus, Cavaleri disse que seria melhor usar vacinas com tecnologia ARN mensageiro, como as da Moderna e Pfizer-BioNTech.

Foi este o mesmo responsável que associou os casos de trombose à vacina da AstraZeneca, em Abril, numa entrevista ao *Il Messaggero*: “Na minha opinião, e agora podemos dizê-lo, é claro que há uma associação com a vacina. Contudo, ainda não sabemos o que causa esta reacção”, afirmou então, sem citar qualquer estudo. Nesse mesmo dia,

numa declaração ao PÚBLICO, a EMA negou ter chegado a uma conclusão sobre o que causa os coágulos sanguíneos e a diminuição de plaquetas.

O Governo italiano decidiu na sexta-feira que a vacina da AstraZeneca devia ser tomada apenas por pessoas com mais de 60 anos, depois de um adolescente que recebeu a vacina ter morrido na sequência de um caso de formação de coágulos do sangue.

## Especialista contextualiza

Contactado pelo PÚBLICO, o especialista em vacinas Miguel Castanho, do Instituto de Medicina Molecular da Faculdade de Medicina da Uni-

versidade de Lisboa, contextualiza e interpreta o comentário de Marco Cavaleri mais como a “possibilidade de não se usar a vacina da AstraZeneca” e não como um conselho contrário à administração da vacina em pessoas maiores de 60 anos – até porque, realça, não se trata de uma recomendação oficial da EMA.

“Não é nada de muito surpreendente atendendo ao que já foi decidido e discutido sobre a vacina da AstraZeneca. Agora há uma relativa mudança de contexto com a evolução dos planos de vacinação”, explica, acrescentando que as populações mais idosas já estão praticamente protegidas, os países estão

bem abastecidos de doses de vacinas e “já é possível escolher” que vacina privilegiar nos seus planos.

Nesse sentido, por causa da mudança de contexto, Miguel Castanho interpreta que o responsável da EMA sugere a possibilidade de se abdicar da vacina da AstraZeneca, “que tem um problema de percepção de segurança e se sabe que tem uma eficácia inferior”, substituindo-a por outra. “A da Johnson & Johnson tem um princípio de funcionamento parecido, mas sabe-se que dá menos problemas e é de uma só toma, tem essa mais-valia que permite acelerar os planos de vacinação”, esclarece.

Além disso, o especialista aponta que a grande resistência à vacinação entre os mais novos, por não sentirem tanto os perigos da doença, pesa na opinião de Marco Cavaleri em administrar outras vacinas aos mais velhos.

Questionado sobre se Portugal deveria seguir esta sugestão, Miguel Castanho defende que cabe a cada país decidir, de acordo com a situação epidemiológica em que se encontra e com o ritmo da vacinação. O importante, sublinha, é “não desacelerar a vacinação”, especialmente agora que há transmissão comunitária da variante Delta em Portugal.

Por isso, abdicar da vacina da AstraZeneca não deve alterar muito o curso do plano de vacinação. “Se o plano de vacinação depender muito desta vacina, então acho que tem de se manter a sua utilização; se por acaso não depender muito e temos outras vacinas, então deve ser ponderada essa possibilidade”, defende. “O foco não é esta vacina, é o plano de vacinação”, remata. **com agências**

## Coronavírus

### Marcelo diz que “não vai haver” volta atrás no desconfinamento

Marcelo Rebelo de Sousa declarou ontem que, no que depender do Presidente, não haverá “volta atrás” no processo de desconfinamento, e deu a Feira da Agricultura de Santarém como exemplo do “virar de página”.

“Já não voltamos para trás. Não é o problema de saber se pode ser, deve ser, ou não. Não vai haver. Comigo não vai haver. Naquilo que depender do Presidente da República não se volta atrás”, afirmou Marcelo Rebelo de Sousa.

O chefe de Estado defendeu que “o não voltar atrás exige às pessoas viverem à medida disso”, que, se querem que não se volte atrás, “têm de ter bom senso no respeito das regras sanitárias”, que aos eleitos para governar cabe decidir e aos especialistas “chamar a atenção para o juízo que as pessoas devem ter”.

As declarações foram feitas no dia em que Portugal registou duas mortes por covid-19 e 707 novos casos de infecção ocorridos nas 24 horas anteriores, de acordo com os últimos

dados da Direcção-Geral da Saúde.

Há 325 pessoas hospitalizadas em Portugal, mais 25 do que no dia anterior. Dessas, 82 encontram-se nos cuidados intensivos, mais cinco do que antes.



Marcelo Rebelo de Sousa esteve ontem de visita à Feira da Agricultura de Santarém

Ontem foi ainda divulgado que os primeiros certificados digitais covid-19 para cidadãos nacionais deverão começar a ser emitidos a meio desta semana pelos Serviços Partilhados do Ministério da Saúde (SPMS), segundo afirmou governamental à Lusa. O certificado atestarà que o seu detentor cumpre um de três requisitos para viajar sem restrições adicionais: se já foi vacinado, se recuperou de uma infecção, ou se teve resultado negativo no teste à covid-19.